

A Voz Plural — os textos cantados na *Missa de Pentecostes*, de João Madureira

Cristiana Vasconcelos Rodrigues¹

Postprint of presentation published in Viragem, revista do Metanoia - Movimento Católico de Profissionais, nº 62 - Julho-Dezembro 2010, pp.45-47.

Boa Noite!

Venho falar-vos dos textos poéticos que se congregam nesta *Missa de Pentecostes* de João Madureira, estreada nesta capela pelos Sete Lágrimas no passado dia 23 de maio, domingo de Pentecostes, e agora gravada em CD. Esta noite é, portanto, o segundo acontecimento em volta desta obra do João Madureira, que no entanto não está no seu centro; antes pelo contrário, o que sobressai hoje, e que já foi bem patente no dia da sua estreia, é a festa de Pentecostes, o seu cunho e o seu significado, não estritamente religioso.

A missa do dia de Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo e a graça da palavra sagrada partilhada por todos os povos e línguas, confirmando-se a missão dos Apóstolos, agora baptizados pelo sopro divino. Esta ideia de uma comunidade que se alarga infinitamente em volta de um só Espírito, do entendimento absoluto e transversal a toda a maravilhosa diversidade do mundo, tem um eco na missa de João Madureira, que naturalmente acolhe os textos que fazem parte do ordinário da missa cantada, mas que também inclui textos poéticos, cantados em outros momentos da celebração.

Por seu turno, no livro que acompanha o CD com esta missa gravada encontramos alguns textos que também traduzem o espírito da celebração do Pentecostes. O P. Tolentino fala-nos do movimento duplo e só aparentemente paradoxal que emana das palavras do Novo Testamento sobre o Pentecostes - a experiência fusional que apaga a singularidade e opera a coincidência e o encontro, a par da experiência da diferenciação, que impele a busca incessante e vária; também nos diz da potenciação da liberdade, disposta em invenção e criatividade. Alberto Vaz da Silva fala da escrita do Pentecostes como potenciação das imagens, dos gestos, dos sons, das vozes, da "acção sagrada". Joana

¹ Texto apresentado por ocasião do lançamento do CD *Vento*, com a gravação da *Missa de Pentecostes* de João Madureira, pelo *ensemble* Sete Lágrimas [ed. Arte das Musas / MU Records (MU0108 Vento), 2010], em 25 de Novembro de 2010.

Carneiro remete para a plasticidade do fazer criativo, que muitas vezes sai esquecida quando olhamos para o produto final, mas que é, de facto, o cerne de toda a invenção artística. E João Madureira remete para a festa da linguagem, para a diversidade das vozes e das músicas, e fala da recontextualização das vozes de vários tempos no espaço desta celebração, e, na perspectiva inversa, da recontextualização desta celebração no espaço alargado em que tem lugar - a imensa diversidade do mundo, em que ela é também fenómeno, acontecimento.

Todos estes textos conseguem iluminar, nesta missa, o convívio de textos alheios à liturgia com as orações cantadas e faladas no Pentecostes. De certa forma, todos apontam para o poder da fala, da linguagem, que convoca a face invisível do mundo, a aproxima da imanência de que é parte integrante. A propósito da sua estreia, no Domingo de Pentecostes, e depois da sua edição em CD, vale a pena sublinhar este desdobramento do texto e da voz em volta do projecto de uma missa, integrado no Diálogo Arte Contemporânea e Sagrado, promovido pela Comunidade da Capela do Rato.

Na primeira das Leituras do passado domingo de Pentecostes (Act 2, 1-11), lemos que todos os Apóstolos "estavam reunidos no mesmo lugar", e esse lugar de partida, que os une, enche-se do "rumor semelhante a forte rajada de vento", traduzido depois em "línguas de fogo", que poisadas sobre cada um dos Apóstolos, lhes dá o dom de falarem línguas outras que não a sua, e assim os vocaciona na sua missão. A missão dos Apóstolos, que a partir daqui é tornada clara, sedia-se no que o P. Tolentino Mendonça disse ser também a nossa, no passado domingo de Pentecostes: o Espírito é, em nós, gerador de vida, torna-nos criativos, capazes de ir além do que julgamos ser possível, dá-nos o dom único, o talento, e também a responsabilidade de o proteger e de sermos no mundo com ele e através dele, comunicando-o.

Recordo este sentido do Pentecostes, porque de facto, tanto na missa do passado dia 23 de maio, como no CD, nos confrontamos antes de mais com a voz plural: a da palavra sagrada, da oração, da poesia, da intenção, a da palavra cantada, a da música — a escrita sobre a escrita, com a escrita, a língua sobre a língua, com o gesto, o som sobre o som, com a voz. Isto poderia levar-nos a pensar sobre esta missa como algo que perturba ao deixar entrar uma multiplicidade de enunciados, que se desdobram e citam outros, que se relacionam entre si, enfim, uma missa que traz um ruído inesperado, e que não parece preocupar-se com os efeitos desse ruído no corpo inconsútil da liturgia. Se pensarmos na

arte, hoje, e no tempo que vivemos, este estilhaçar do enunciado litúrgico (que estamos habituados a viver como um só corpo) torna tudo isto estranho, mas também aliciante, porque nos chama a visitar, sob uma outra luz, o que sempre aí se diz, assim como também essa nova luz, trazida pelas vozes alheias a esse corpo, sai enriquecida, tocada pelo gesto de oração e de comunhão que à liturgia pertencem.

Falamos aqui de uma troca de talentos: ouvir os textos poéticos cantados no momento da Entrada (Teixeira de Pascoaes), da sequência de Pentecostes Veni Sancte Spiritus (José Augusto Mourão), do Ofertório (Maria Gabriela Llansol), da Acção de Graças (Sophia de Mello Breyner Andresen) e da Saída (Mário Cesariny), a par de outros momentos de oração cantada que nos são familiares, como o Kyrie, o Gloria, o Alleluia, o Sanctus e o Agnus Dei, desperta-nos, com atenção idêntica, para a letra de todos estes enunciados. João Madureira revisita na sua missa o reportório musical conhecido, a propósito de alguns momentos próprios da liturgia dominical, mas a sua presença na língua latina não reflecte só essa citação musical (imperfeita, de resto), serve também para nos arrancar do adormecimento, da litania em que estes enunciados muitas vezes caem, para os relermos de novo, os dizermos de facto, enquanto os ouvimos cantados. Por outro lado, empresta ao contexto religioso outros sons e outras vozes, que de novo nos arrancam do hábito do sagrado, olhando-o de outro modo. Este gesto de distanciamento reforça o que os textos contêm de contemplação, de pensamento, a par do gesto afectivo, pela súplica, pela narrativa, pelo louvor, pela partilha, pela religação e comunhão que a oração possa conter em si. E faz sobressair a plasticidade da linguagem, a sua proximidade da poesia, e assim também do mundo não religioso. Eu diria que João Madureira retira o canto litúrgico e poético do museu que equivocadamente tendem a habitar, dando-lhes uso, um uso comum no espaço comum a que realmente pertencem — desviando-os, ou *profanando-os*, nas palavras de Giorgio Agamben².

Este desvio das vozes e do canto, que hoje já quase só se escutam num contexto de fruição cultural ou estética, numa língua que também já não se usa na liturgia, e de enunciados que pertencem a outros contextos que não o religioso, leva-nos a convocar uma voz que sempre apreciou, a um ponto quase reaccionário, a solenidade do cerimonial

² Cf. "Elogio da profanação", in *Profanações*, Lisboa: Cotovia, 2006, pp.103ss. Agamben fala, de resto, do museu como o nome para a "dimensão separada para a qual se transfere aquilo que, em tempos, era sentido como verdadeiro e decisivo e, agora, já não o é." (p.120)

litúrgico: Cristina Campo. O que gostaria de citar dos escritos desta mulher extraordinária, e a propósito do desvio operado por João Madureira na sua missa, é o efeito imediato de *atenção* que somos levados a votar ao texto aí cantado. Uma atenção que, para Cristina Campo³, se liga intimamente com a poesia, na medida em que esta advém da atenção dada à realidade, às coisas, numa atitude de responsabilidade ante elas, de se lhes responder com a síntese, o elo, a ligação, pela imagem poética de que é capaz. Numa extraordinária inflexão de sentido, Campo diz da atenção que é "a forma mais legítima e absoluta de imaginação", na medida em que, em vez de fugir dela (como o faz a imaginação), "penetra" a realidade "directamente e como símbolo"⁴, oferecendo-lhe as imagens de que esta precisa para que se opere o entendimento entre os seres, e dos seres com o mundo: a poesia é, portanto, uma forma de acção no mundo, e nesta concepção de Campo reencontramos, como que em eco, Hölderlin, Llansol, Novalis, e tantos incontáveis.

Com esta missa, revivemos então uma certa solenidade, um certo cerimonial, hoje em dia arredados da celebração dominical, mas que são inteiramente necessários a uma liturgia que, como a poesia, não cifra o visível, mas busca o invisível: a imagem poética, de que o texto religioso também respira, procura desvelar esse mesmo invisível. E os cinco textos poéticos presentes nesta missa apontam obviamente para esse outro lado, convocando-o nas imagens que geram.

Muitos textos caberiam numa missa do dia de Pentecostes que, tal como a que se celebrou na Capela do Rato, acolhe toda a voz que apela, que ora, que dá graças, que busca, que anseia, que espera, que contempla, que segue, que crê, que não sabe e interroga. Numa outra perspectiva, a abertura ao que é plural e diverso na celebração da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos acaba por espelhar esse mesmo universalismo. Olhando para os cinco textos poéticos que acompanham os do ordinário da missa, constata-se, antes de mais, a sua diversidade temática e gestual: se dois deles se ligam de forma explícita ao Espírito Santo (Pascoaes e Mourão), os outros três caminham por outros lugares e intenções; se dois deles se projectam numa crença (Pascoaes) e numa promessa (Sophia), os outros três interpelam um tu de diversos modos.

No contexto de uma celebração do Pentecostes, e ligados a alguns dos seus momentos, os cinco textos ganham em sentido e em gesto de oração, à chegada da sua

³ Cf. "Atenção e Poesia", in *Os Imperdoáveis*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, pp.173ss.

⁴ *ibidem*, p.176.

leitura cantada: praticam aquilo que Erri De Luca diz ser a "premissa de toda a oração" — o "eis-me aqui" de Abraão em resposta a um chamamento⁵. O sentido de oração dos cinco textos poéticos é maior ainda se pensarmos no que De Luca diz, a propósito da Ascensão de Cristo e do seu efeito nos homens: "os apóstolos vêm-no subir acima deles e permanecer no alto até desaparecer numa nuvem. Mais não viram, mais longe os sentidos não vão, nem os seus, nem os nossos. Mais além só a fé e aquela força que desce do alto, que agarra uma pessoa e a lança pelo mundo a contá-la."⁶

Creio que todas estas vozes são a realização plena deste agir no mundo, ao contá-lo, ao ensaiar a sua narrativa poética, em nome de uma realização superior, não forçosamente transcendente, mas muito além do que se pensa ser possível e alcançável, na imanência em que se inscreve e que habita. Veja-se Pascoaes: "Eu fui; e vi"; "e deitei-me", "e senti". Veja-se Mourão, que no apelo formalmente inspirado numa oração própria do Pentecostes, assume o tom de um quase manifesto das nossas apreensões, do nosso ser-no-mundo, da nossa busca, esperançada e confiante, na paisagem do mundo. Veja-se Llansol, que no mais puro plano do sensorial ("que vês", "que ouvires") inscreve a acção, por relação ("pega", "segue", "escreve"). Leia-se Sophia, que na conjugação do futuro nos fala de se cumprir o ser em toda a sua inteireza, apontando, a propósito dessa certeza, para o mundo incompleto, mas fundamental, feito de "inquietação" (cit. adaptada) "amor" e de "promessa". Leia-se, finalmente, Cesariny e a imensa abertura para a acção, a expressão lapidar de uma *causa amante*, pedindo emprestada a expressão a Maria Gabriela Llansol. Mundanos são estes poemas, intrinsecamente mundanos. E no contexto religioso em que são lidos, cantados, nem por isso a sua diversidade se dissipa, pelo contrário, os textos trazem consigo um universo de referências que, reciprocamente, confere à festa do Pentecostes uma riqueza acrescida, sediada na palavra, no mais caro dom humano que é a fala. Mimetizam essa imagem maravilhosa das línguas de fogo lançadas sobre os Apóstolos, que se "lançam à aventura do mundo" (como descreve De Luca a propósito de Babel⁷), realizando desta forma a possibilidade de infinito que o mundo (finito) contém em si.

A missa de João Madureira faz coincidir o que só aparentemente é diverso. Todos estes poemas tornam presente nesta missa, antes de mais, a paisagem e os seus lugares: o

⁵ in *Caroço de Azeitona*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p.7.

⁶ *ibidem*, p.29.

⁷ *ibidem*, p.45.

céu, o mar, a flor, a noite, a luz e o amanhecer, o jardim, o vento, a estrada. A face visível do mundo. Trazem, também, a medida do infinito, e propõem uma entrega a esse infinito, feito de "torvelinho cósmico e profundo" (Pascoaes), de "luz cinzenta que borda o mar" (Mourão), de "fulgor" (Llansol), de "límpido esplendor" (Sophia), de "começo" (Cesariny, cit. adaptada). Um infinito feito das forças do mundo, de afectos e de vida, da imanência pura que atravessa todos estes textos. Finalmente, na diversidade de que são capazes, estes cinco textos cantados na festa do Pentecostes trazem consigo a voz que tanto são quanto buscam, a voz que caminha, incansável, na sua missão de encontro e comunhão.

Se, apesar de toda esta confluência de gestos e de intenções entre o sagrado e o profano, entre visível e invisível, temos a sensação de um corpo fragmentado, em que as vozes quase se degladiam, dada a atenção que prestamos a cada uma, eu diria, a par de um recém-saído livro de João Barrento sobre o ensaio e o fragmento, que pertencemos ao tempo do "fragmentário-intensivo"⁸: *fragmentários-intensivos* é o que hoje somos, e por necessidade, não tanto por utilidade ou funcionalidade.

Esta missa poderia ser vista como um discurso que se fragmenta por intensidades, no momento em que são cantadas e se confrontam entre si. Uma missa desmembrada, feita de intensidades fragmentárias, espelho da contemporaneidade estética, mas também ética. Se continuarmos a ler João Barrento sobre o fragmento⁹, este de facto não abarca o total, muito menos o sistematiza ou o resolve de forma sintética; mas no vazio de que é marca, no que não diz, aponta para um centro, um centro para o qual todo o poema, por excelência, também aponta, tal como a oração que estamos habituados a dizer quase automaticamente, mas que nesta missa é convocada a ser poema entre os poemas. No intensivo que exprimem, estes textos exprimem a totalidade, o centro, porque se mostram como o resto que possibilita, na sua abertura, ao infinito "alargamento de sentido"¹⁰. A relação entre todos os textos cantados nesta missa, os religiosos e os que não são tanto assim, potencia-os para esse centro, não abdicando, contudo, da sua "singularidade criativa", retomando as palavras que o P. Tolentino Mendonça nos ofereceu na homilia do Domingo de Pentecostes.

⁸ *O Género Intranquilo. Anatomia do ensaio e do fragmento*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, p.62.

⁹ *ibidem*, pp.61ss.

¹⁰ *ibidem*, p.64. Maria Gabriela Llansol, num passo belíssimo que se poderia ler como um manifesto poético, fala-nos de "fragmento completo e sem resto" (*Onde Vais, Drama-Poesia?*, Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002, p.13).

